

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 8a, Hebreus 9:1-10:18: Cristo, nossa Expição (Parte 1)

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Em Hebreus capítulo 9, versículo 1 a capítulo 10, versículo 18, o pregador se volta para duas outras questões significativas baseadas naquelas que ele abordou nos capítulos 7 e 8. Primeiro, qual é o significado da morte e ascensão de Jesus se entendermos isso como o trabalho de um sacerdote na linhagem de Melquisedeque? E segundo, quais são as consequências para aqueles que se aproximam de Deus através da mediação de Jesus em vez da mediação dos sacerdotes levíticos? Em 9 versículos 1 a 10, o autor olha para o arranjo espacial do tabernáculo ou do templo e identifica aí a falha essencial do sistema sacerdotal levítico e da lei que o regulava. Estes eram incapazes de ampliar o acesso à presença de Deus além do sumo sacerdote para todo o povo. No capítulo 9, versículos 11 a 14, o autor olha para a ascensão de Cristo como uma entrada no santo dos santos celestial para realizar o único dia finalmente efetivo do ritual de expiação.

Ele usa um argumento maior para o menor em relação ao sangue de sacrifícios de animais, que é apenas tão eficaz, e o sangue de Jesus, que deve ser muito mais poderoso, um detergente ritual, por assim dizer, para remover a contaminação do pecado. Ele muda sua estrutura interpretativa em 9, versículos 15 a 22, do dia do ritual de expiação em Levítico 16 para o direito de inauguração da aliança encontrado em Êxodo capítulo 24. O direito que Moisés realizou para iniciar a aliança Sináitica se torna um segundo modelo para entender a morte de Cristo e sua ascensão ao lugar santo celestial como um ato ritual que inicia a nova aliança anunciada em Jeremias 31.

Nos versículos finais do capítulo 9, versículos 23 a 28, o autor retorna ao quadro do ritual do dia da expiação ao considerar a entrada de Cristo no lugar santo celestial como o equivalente cósmico da obra do sumo sacerdote terrestre entrando no santo dos santos terrestre com o sangue do touro e do bode para remover a contaminação do pecado do propiciatório. O autor argumentará que a entrada de Cristo no céu após sua obediência até a morte efetivamente remove a memória da contaminação do pecado da própria presença de Deus. No capítulo 10, versículos 1 a 10, o autor retorna ao tópico da repetição de sacrifícios no sistema levítico para argumentar que essa repetição anual dos mesmos sacrifícios indica sua ineficácia em lidar com o pecado e a contaminação que mantinham as pessoas distantes de Deus.

Então ele se volta para o Salmo 40, versículos 6 a 8, como uma garantia bíblica para o único sacrifício eficaz que Jesus realizaria ao se oferecer de uma vez por todas. O autor conclui esta seção central sobre o ministério sacerdotal de Jesus no capítulo 10, versículos 11 a 18, olhando novamente para o Salmo 110, versículo 1, onde Jesus é convidado a sentar-se à direita de Deus em conexão com sua nomeação para o

sacerdócio. O pregador encontra aqui no sentar-se de Jesus a prova da eficácia da oferta de Cristo porque os sacerdotes levíticos são conhecidos por permanecerem continuamente em seu serviço sacerdotal.

Mas o fato de Jesus se sentar ao lado de Deus é tomado pelo pregador como prova de que a obra sacerdotal de Jesus está decisivamente concluída e não precisará ser repetida. Ele encerra com outra recitação de Jeremias capítulo 31, versículos 33 e 34 como uma espécie de QED como se dissesse, eu provei meu ponto, tendo mostrado que de fato em Cristo, a remoção decisiva dos pecados tanto da consciência do adorador quanto da própria presença do Deus Todo-Poderoso no céu foi finalmente concluída. No capítulo 9, versículos 1 a 10, o autor analisa mais de perto o arranjo do tabernáculo terrestre e identifica precisamente qual era o problema e o que era censurável sobre a primeira aliança.

O autor já deu a entender isso no capítulo 7, versículos 11 e 19. Os regulamentos de culto da Torá e seu sacerdócio foram incapazes de trazer a perfeição. Ou seja, eles foram incapazes de limpar a consciência dos adoradores para que esses adoradores pudessem se aproximar completamente de Deus e não apenas se mover completamente para o tabernáculo terrestre, mas completamente para o protótipo celestial, o lugar sagrado celestial onde Deus habitava.

Agora o autor fornecerá uma explicação dessa acusação contemplando os regulamentos para o serviço cultual e o layout do santuário mundano, o templo terrestre, que foram decretados pela primeira aliança. E então lemos: Agora, até mesmo a primeira aliança tinha regulamentos para adoração e um santuário terrestre. Uma tenda foi construída, a primeira, que incluía o candelabro, a mesa e os pães da presença.

Este é chamado de lugar santo. Atrás da segunda cortina havia uma tenda chamada Santo dos Santos. Nela ficava o altar de ouro do incenso e a Arca da Aliança coberta de ouro por todos os lados, na qual havia a urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão que floresceu e as tábuas da aliança.

Acima dele estavam os querubins da glória cobrindo o propiciatório. Dessas coisas, não podemos falar agora em detalhes. Com essa última ressalva, o autor indica que não vai especular sobre o significado espiritual ou o significado dos apetrechos do templo, diferentemente de Filo de Alexandria, por exemplo.

Quando Filo escreveu sobre o layout do tabernáculo, ele desenvolveu longamente o significado alegórico, moral e espiritual de cada peça de mobília no tabernáculo. O que interessa ao nosso autor, no entanto, são os arranjos espaciais em si e as limitações no acesso a Deus que esses arranjos perpetuaram, como ele continua dizendo nos versículos 6 e 7. Tais preparações tendo sido feitas, os sacerdotes vão continuamente para a primeira tenda para realizar seus deveres rituais, mas apenas

o sumo sacerdote entra na segunda, e ele apenas uma vez por ano, e não sem tomar o sangue que ele oferece por si mesmo e pelos pecados cometidos involuntariamente pelo povo. O problema central que a primeira aliança perpetuou em vez de superar parece para este autor ser as gradações no acesso a Deus.

Ou seja, a maior parte dos israelitas só podia ir até certo ponto, tão perto de Deus, e então tinha que parar. A maior parte dos sacerdotes só podia ir até certo ponto mais longe em direção a Deus e então tinha que parar. Somente o sumo sacerdote podia ir até o Santo dos Santos, que representava a presença real de Deus, e então ele era limitado a fazer tal entrada apenas uma vez por ano.

Os sacerdotes realizavam seus deveres na câmara externa, cuidando do candelabro e recolocando os pães consagrados, os pães da proposição. De acordo com Êxodo 30, versículos 7 e 8, os sacerdotes também ofereciam incenso no altar de incenso, embora a colocação deste altar na câmara interna por Hebreus fosse problemática a este respeito. Este lugar, a câmara posterior, onde se pensava que Deus habitava, era acessado apenas uma vez por ano por apenas um homem, o sumo sacerdote, no Dia da Expição, quando ele levava para o Santo dos Santos o sangue que cobria primeiro seus próprios pecados e depois os pecados do povo, e então apenas aqueles cometidos sem saber ou por ignorância.

Este ritual, descrito longamente em Levítico 16, é um pano de fundo essencial para a reflexão do autor sobre a atividade dos sumos sacerdotes levíticos e a realização de Jesus ao longo desta seção. Os israelitas leigos, os sacerdotes comuns e o sumo sacerdote representavam três níveis de santidade, três níveis de adesão aos requisitos de pureza, e com cada nível vinha o privilégio e o perigo adicionais de se aproximar da presença impressionante da própria santidade de Deus. O sacerdócio não era em si uma barreira ao acesso a Deus, mas também não era capaz de melhorar o acesso a Deus do adorador comum.

Os regulamentos de culto da Primeira Aliança, portanto, garantiam que a nação mantivesse distância de Deus, construindo uma cerca de punições por invasão e uma aura de tabu ao redor do Santo dos Santos para proteger a santidade de Deus, ou mais precisamente, para proteger a nação da santidade de Deus irrompendo contra sua impureza. O autor de Hebreus considera esse arranjo insatisfatório. Ele entende a promessa de Deus de habitar no meio de seu povo para sinalizar um relacionamento muito mais íntimo com todas as pessoas e, portanto, um relacionamento que não foi cumprido sob a Primeira Aliança.

Ele encontra um espírito semelhante em João, o Vidente, o autor do Apocalipse, que anseia pela Nova Jerusalém para o cumprimento da esperança de Deus. Lemos ali que na Nova Jerusalém de João, não há especificamente nenhum templo por causa do acesso graduado a Deus, e as limitações de acesso a Deus foram eliminadas. Assim, nosso autor chega ao seu ponto em Hebreus 9, versículos 8 a 10.

Os arranjos de culto do Primeiro Tabernáculo, com sua manutenção perpétua de limites e barreiras à presença de Deus, são um veículo, citação, que é uma figura para o tempo presente, ainda tem status de culto, em que presentes e sacrifícios de câmara estão sendo oferecidos que não podem aperfeiçoar o adorador em relação à sua consciência, sendo apenas questões de alimentos e bebidas e várias abluções, regulamentos limitados à carne, tendo força até um momento de consertar as coisas. O ainda é significativo. O caminho para os lugares santos ainda não foi mostrado.

O autor espera ansiosamente o dia em que o caminho para dentro será esclarecido, como leremos no capítulo 10, versículos 19 a 20, e ainda mais explicitamente no capítulo 12, versículos 26 a 28. É no dia em que a criação material for abalada e removida que o caminho para o reino invisível será aberto e esclarecido para aqueles que foram preparados pelo sacrifício de Cristo para entrar nele. Aqui, o autor afirma que o Espírito Santo deixou claro, por meio dos arranjos do Tabernáculo, que o caminho para o Santo dos Santos ainda não foi revelado, enquanto aquela primeira tenda tem posição de culto, que ele chama de parábola para o tempo presente.

Diz-se que a primeira tenda tem um significado metafórico. É uma parábola que aponta para o tempo presente. Esta observação entre parênteses insere uma dimensão cosmológica ao layout do primeiro Tabernáculo, que será novamente esclarecida no capítulo 12, versículos 26 a 28.

A tenda externa, o Lugar Santo, é um símbolo da era presente quando a própria criação visível ainda esconde a entrada para o reino celestial, permanente e invisível representado pela segunda câmara. O caminho ficará claro quando aquela primeira câmara, isto é, esta criação visível, for abalada e removida para que o que é inabalável possa permanecer. O ponto essencial nesta passagem tem a ver, mais uma vez, então, com uma falha dos sacrifícios levíticos em ampliar o acesso a Deus entre todo o povo.

Como o autor escreve, nesta tenda, são oferecidos sacrifícios que não são capazes de aperfeiçoar o adorador em relação à consciência. Ou seja, eles não poderiam levar a consciência do adorador ao objetivo divinamente designado de permitir que o adorador fique na própria presença de Deus em antecipação ao favor, em vez de com medo da destruição. O fato de que os muitos sacrifícios deixaram os adoradores ainda de pé perpetuamente do lado de fora prova para nosso autor a ineficácia de todo o sistema.

Então, ele escreve que os sacrifícios só têm força, o que ele cita em relação a alimentos e bebidas e várias abluções ou purificações rituais sendo regulamentos para a carne em vigor até um tempo de renovação ou um tempo de consertar as coisas. O autor critica os regulamentos da primeira aliança como meramente regulamentos da carne, prescrições relacionadas à comida, como os regulamentos

dietéticos da Torá ou lavagens purificadoras do corpo, que são incapazes de estender o poder santificador à pessoa interior. Para o autor, no entanto, o tempo de correção, de consertar as coisas, já chegou.

Para Jesus, o sumo sacerdote já havia entrado no tabernáculo celestial e instituído a nova aliança de Jeremias 31. A primeira tenda já havia perdido sua posição de culto, como a exegese do autor do Salmo 40, versículos 6 a 8, demonstrará um pouco mais adiante no capítulo 10. Hebreus 9, versículo 7, estabeleceu o rito do Dia da Expição como um quadro de referência para a comparação da obra dos sumos sacerdotes levíticos e a obra do sacerdote na linhagem de Melquisedeque, ou seja, Jesus.

Como o rito do Dia da Expição é um pano de fundo tão importante para a exposição do autor nestes capítulos, devemos parar por um momento e refrescar nossas memórias a respeito dos vários estágios desse ritual tão importante na vida de Israel. O primeiro grande movimento litúrgico no ritual do Dia da Expição é que o sumo sacerdote abate um touro como oferta pelo pecado para si e sua família. Ele queima incenso no Santo dos Santos em um incensário, e ele asperge o propiciatório com o sangue daquele touro.

Em um segundo movimento, o sumo sacerdote seleciona dois bodes e mata um como oferta pelo pecado para o povo. Novamente, ele entra no Santo dos Santos para aspergir o sangue daquele bode no propiciatório, fazendo expiação pelos pecados do povo. O sumo sacerdote espalha um pouco do sangue do touro e do bode nos quatro cantos do altar de holocausto.

O sumo sacerdote então apresenta o segundo bode, impõe suas mãos sobre ele, confessa sobre sua cabeça todos os pecados do povo e envia o bode para fora do acampamento. O bode é conduzido por alguém para o deserto e ali liberado para Azazel, o espírito demoníaco do deserto. O sumo sacerdote então mergulha na água, troca suas vestes e oferece a gordura das duas ofertas pelo pecado, o primeiro bode e o touro, no altar.

Finalmente, o resto das carcaças do touro e do bode são levadas para fora do acampamento por outros sacerdotes e queimadas. Neste rito litúrgico, há dois componentes essenciais. Primeiro, aqueles atos que limpam os lugares santos da contaminação dos pecados do povo.

E segundo, aqueles aspectos do rito que purificam o próprio povo da contaminação de seus pecados. Esse primeiro elemento pode nos parecer estranho, mas na antiga concepção israelita das coisas, pecados contra a aliança não contaminavam apenas a pessoa que cometeu o pecado. Havia uma espécie de efeito de espelhamento na consciência do adorador, por um lado, e no propiciatório no Santo dos Santos, por outro lado.

O que um grande estudioso de Levítico e Números, Jacob Milgram, chamou de imagem do efeito cinza dórico dos pecados do povo no propiciatório no Santo dos Santos. Assim, o rito da expiação tinha esse aspecto duplo para tirar o pecado do caminho em dois locais diferentes, o lugar da presença de Deus e, claro, a consciência do adorador que havia pecado em primeiro lugar. Assim como a primeira aliança tinha um santuário e regulamentos de culto, o pregador acredita que a segunda aliança tem seu próprio santuário associado, o celestial, e seus próprios ritos de sacrifício.

Os antigos mapas rituais, como o mapa do rito do dia da expiação, funcionam como protótipos. Eles fornecem as matérias-primas conceituais, mas estas são combinadas de maneiras novas e impossíveis, com efeito, pelo novo sacerdote, por Jesus, que se torna ele mesmo tanto o mediador quanto a oferta. Então, lemos no próximo parágrafo, Mas Cristo, tendo se tornado o sumo sacerdote das coisas boas que foram feitas, entrou uma vez por todas através do melhor e mais perfeito tabernáculo, que não é feito por mãos, isto é, não desta criação, no santuário, não através do sangue de bodes e touros, mas através de seu próprio sangue, inventando a redenção eterna.

Pois se o sangue de bodes e touros e a cinza de uma novilha aspergida santificam os contaminados quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus por meio do espírito eterno, purificará nossa consciência das obras mortas, para servir ao Deus vivo? O autor afirma novamente que o ministério de Jesus ocorre em um local superior, a tenda maior e mais perfeita não feita por mãos, isto é, não pertencente a esta criação. A descrição aqui do santuário celestial como a tenda maior e mais perfeita apoia primeiro o entendimento da linguagem da perfeição como relacionada à travessia do limiar entre os reinos visível e invisível. O templo celestial é mais perfeito porque existe no reino inabalável e permanente.

Segundo, a distinção do autor entre esta criação e o reino no qual Jesus entrou como um precursor para nós apoia uma leitura de Hebreus 9.9 que envolve mais do que a mera substituição do culto do Antigo Testamento. Esta criação em si está entre o crente e o acesso completo final a Deus. Assim, Jesus deve passar pelos céus criados para entrar naquele lugar permanente de meditação que não pertence a este reino material visível.

O caminho para os lugares santos foi de fato revelado agora. Os crentes podem seguir para aquele espaço em oração e adoração coletiva, mas ainda mais, podem seguir pessoalmente quando Cristo retornar uma segunda vez para conduzi-los consigo mesmo para a glória. O ministério de Jesus também envolve elementos rituais superiores.

Ele entra no próprio céu não através do sangue de bodes e touros, mas através do seu próprio sangue. O meio purificador da segunda aliança é muito mais custoso, pois envolve a morte do próprio Filho de Deus. Daí também o maior perigo que acompanhará a profanação deste sangue por pensar muito pouco nos benefícios que ele trouxe, como o autor trará para casa em breve no capítulo 10, versículo 29.

O aspecto de uma vez por todas do sacrifício de Jesus reflete a qualidade da redenção que ele obtém. É redenção eterna porque dura para sempre e não precisa de repetição. Para nosso pregador, repetição é um sinal de ineficiência e ineficácia.

No capítulo 9, versículos 13 a 14, o autor introduz outro argumento menor para maior baseado na antítese do sangue animal versus o próprio sangue de Jesus no capítulo 9, versículo 12. Ao unir o sangue de touros e bodes com as cinzas aspergidas da novilha, o autor mistura os sacrifícios oferecidos no Dia da Expição no Yom Kippur com o procedimento descrito em Números 19 para a preparação da substância que remove impurezas contraídas pela contaminação do cadáver, ao tocar em um corpo morto. Essa associação permite ao autor avançar sua alegação de que toda a gama de ritos sob a Antiga Aliança só tinha o poder de lidar com a contaminação externa, sendo, como ele coloca, regulamentos para a carne que não podiam penetrar até a remoção da contaminação da consciência.

Os sacrifícios do Dia da Expição são, portanto, relegados ao nível de purificação externa. Se a substância material do sangue animal é suficiente para a santificação da pessoa exterior, o sangue de Cristo, argumenta o autor, oferecido através do espírito eterno certamente será suficiente para a limpeza da pessoa interior. Devemos notar que, neste momento, uma mudança na antropologia foi refletida na distinção do autor entre a pessoa exterior e a consciência da pessoa interior.

Este é um afastamento da concepção israelita antiga mais integrada do ser humano, na qual os aspectos interior e exterior de uma pessoa não eram radicalmente distinguidos. O autor moveu-se em direção a uma concepção mais helenística que coloca as facetas externa e interna dos seres humanos lado a lado em contraste. Não teria ocorrido aos compiladores de Levítico traçar uma linha entre a limpeza da pele e a limpeza do coração.

Um único rito purificaria a pessoa. O autor de Hebreus, entrando na história tendo o benefício da crítica profética do ritual sacerdotal e também o benefício de séculos de helenização atrás dele, pode agora questionar Levítico 16 versículo 30 quanto ao grau de purificação que o rito do Dia da Expição fornece e pode concluir que é um mero rito externo. Precisamos lembrar aqui, ao longo deste argumento, que o autor está falando sobre uma crucificação sofrida por obediência e fidelidade a Deus.

Não devemos imaginar Jesus realmente levando sangue aos lugares celestiais como se realidades espirituais pudessem ser purificadas por materiais de qualquer

qualidade. A consciência do autor de que o sacrifício de Jesus acontece por meio de espíritos eternos pode indicar que o autor não nos faria nos apegar muito fortemente aos aspectos materiais da morte de Jesus enquanto ponderamos os efeitos dessa morte nesses termos de culto. Ele usa linguagem objetificante como sangue para auxiliar seus ouvintes em sua apropriação dessas boas novas em termos do que eles entenderiam.

A morte de Jesus em nosso favor e sua ascensão à presença de Deus significam que os crentes foram aceitos por Deus por amor a Jesus na casa de Deus e desfrutam do benefício de Jesus vivendo e intercedendo por eles à direita de Deus. A linguagem do culto do Antigo Testamento fornece uma linguagem poderosa para compreender o fato de que todos os obstáculos entre um Deus santo e a humanidade profana foram removidos. A morte de Jesus, portanto, acontece em nosso favor, mas aqui também vemos de uma maneira nova como a ascensão de Jesus também é algo que aconteceu em nome dos seguidores de Jesus.

Em Hebreus 9, versículos 15-22, o autor retorna à linguagem da aliança para falar sobre a morte de Jesus não meramente como o dia cósmico da expiação, mas também como o rito que inaugura a nova aliança prometida em Jeremias 31. O rito da inauguração da aliança, como os leitores saberiam de Êxodo 24, também requer o derramamento de sangue. A morte de Jesus, portanto, cumpre dupla função, efetuando a expiação e servindo como um sacrifício iniciador da aliança.

Por conta disso, ele é o mediador de uma nova aliança para que uma morte ocorra para a remissão dos pecados cometidos contra a primeira aliança, para que aqueles que são chamados recebam a promessa de uma herança eterna. Unir as palavras aliança com herança permite ao autor começar a brincar com o duplo significado da palavra grega *diatheke* como aliança e testamento, ou seja, um testamento. Dessa forma, ele pode manter unida a afirmação da morte de Jesus tanto como um sacrifício de inauguração da aliança quanto como o falecimento de um testador, um fazedor de testamento, que permite que a propriedade do testador caia para os herdeiros, tornando a vontade de Deus válida para aqueles que foram nomeados herdeiros de Deus.

Como ele continua no versículo 16, onde há uma aliança ou testamento, é necessário antecipar a morte do fazedor da aliança ou do fazedor do testamento. Já que Deus, é claro, não pode morrer, a morte de Jesus é antecipada como a morte que torna a lei da herança efetiva para os herdeiros. O autor tece a linha entre aliança e testamento novamente no versículo 17, pois uma aliança é confirmada com base em corpos mortos.

Como não tem força enquanto o testador vive, a introdução de corpos mortos como base sobre a qual uma aliança é confirmada ou tornada vinculativa lembra certos sacrifícios de aliança. Por exemplo, a aliança feita entre Deus e Abraão em Gênesis

15, versículos 9 a 21, foi de fato estabelecida sobre corpos mortos no meio de cadáveres de animais que Abraão havia cravado no sinal do juramento de Deus de ver sua parte da aliança através de sua vida, por assim dizer.

O autor então retorna aos tópicos da lei testamentária como se para completar a trança e o entrelaçamento dessas duas estruturas de significado. A cláusula, uma vez que ela, isto é, a aliança, não tem força enquanto o testador vive, vincula o derramamento de sangue e a morte de uma vítima não apenas com rituais de expiação, mas também com a inauguração de uma aliança. E o conceito da lei testamentária ajuda o pregador a fazer esse ponto.

O ponto principal que o argumento serve é que a morte de Cristo realiza a inauguração desta aliança, que é falada na citação de Jeremias que o autor recitou em Hebreus capítulo 8. Hebreus 9 versículos 18 a 22 resume e modifica a cerimônia de Êxodo 24 versículos 1 a 8. Portanto, nem a primeira aliança foi inaugurada sem sangue, pois depois que cada mandamento estabelecido na lei foi comunicado por Moisés a todo o povo Moisés, tomando o sangue de touros com água e lã escarlate e hissopo aspergiu o próprio livro e todo o povo dizendo que este é o sangue da aliança que Deus decretou para vocês. E ele aspergiu a tenda e todos os vasos litúrgicos com sangue da mesma forma. E quase tudo é purificado com sangue de acordo com a lei, e além do derramamento de sangue, não há perdão.

A aspersão com sangue era um testemunho ao povo e a Deus de que a aliança agora era vinculativa para ambas as partes, uma vez que todos tinham concordado com ela. O sangue vinha de animais oferecidos como oferta de paz. Sacrifícios são realizados com a visão de assegurar o favor de Deus para o povo, assegurando-lhes o favor de Deus e, portanto, seu bem-estar.

O pregador acrescenta vários detalhes ao episódio do Êxodo. A água, o fio escarlate e o hissopo não fazem parte do rito de inauguração da aliança em Êxodo 24. Nem a aspersão da tenda ou de todos os vasos litúrgicos.

Como em Hebreus 9:13, nosso autor está fundindo ritos de diferentes lugares na Torá prescritos para diferentes ocasiões e propósitos, a fim de enfatizar tanto a natureza exterior desses atos quanto, em virtude de ter incluído muitos ritos diferentes em sua comparação, a substituição de todo o sistema de culto no único rito da nova aliança. O autor também modificou ligeiramente sua recitação das palavras de Moisés. Em Êxodo 24, versículo 8, leríamos Moisés falando: Eis o sangue da aliança.

Mas em Hebreus 9, 20 o autor faz Moisés dizer Este é o sangue da aliança. Esta última frase ressoa muito mais de perto com as palavras da instituição da Última Ceia conhecidas dos Evangelhos Sinópticos, especialmente Mateus e Marcos, onde Jesus

diz este é o meu sangue da nova aliança. Assim, a morte histórica de Jesus é tecida mais firmemente neste ritual de inauguração da aliança.

A observação de que Moisés purificou não apenas o povo, mas também o santuário com o sangue de touros em Hebreus 9:21, assim como o sumo sacerdote levítico fez no dia da expiação, sugere ao autor que o trabalho do sumo sacerdote maior e do maior mediador da aliança também deve incluir um elemento semelhante, levando à próxima seção de seu argumento sobre a purificação do santuário celestial por Cristo com sangue melhor, começando em Hebreus 9, versículo 23. A presença desse elemento ritual no protótipo do ritual de inauguração da aliança do Antigo Testamento se torna evidência efetiva da realização do mesmo elemento por Cristo no antítipo no reino invisível. E então o autor continua dizendo que sem derramamento de sangue, o perdão não acontece. Essa máxima reflete a regra cardinal, a regra fundamental do sistema sacerdotal levítico, como leríamos em Levítico 17, 11: O sangue é dado para fazer expiação. Nosso autor, no entanto, mantém essa máxima ao lado de uma afirmação que ele fará em breve no início do capítulo 10: É impossível que o sangue de touros e bodes remova pecados.

Essa tensão, a necessidade de sangue para fazer expiação e a impossibilidade de sangue animal efetivamente remover pecados juntos cria a necessidade do que é, na verdade, um sacrifício humano para alcançar a remissão de pecados, um sacrifício fornecido na morte de Jesus. Isso é algo que o autor já sugeriu no capítulo oito, versículo três. Todo sumo sacerdote é instituído para a oferta de dons e sacrifícios, daí a necessidade de que este também tenha algo a oferecer.

A natureza dessa oferta se tornará muito mais o foco da discussão do autor nas seções que se seguem. O autor encerra o que é agora o capítulo nove de seu sermão ao se deter no significado cósmico e ritual da ascensão de Jesus. E assim lemos, era necessário, por um lado, que as sombras das realidades nos céus fossem purificadas por meio desses sacrifícios, mas que as próprias realidades celestiais fossem purificadas com sacrifícios melhores do que esses.

O pregador aceita a necessidade de purificar o tabernáculo terrestre com sangue, o que era uma característica proeminente do ritual do Dia da Expiação, bem como do serviço de inauguração da aliança. Novamente, nos deparamos com a noção de contaminação se acumulando no santo dos santos, o lembrete provocativo na presença de Deus dos pecados do povo, e a necessidade da purgação ritual dos mesmos. Se não for controlado, esse acúmulo de lembretes dos pecados do povo na presença de Deus no lugar santo resultaria em desastre para a nação, seja na santidade de Deus irrompendo para queimar a contaminação e sua causa ou no Deus santo se retirando de um santuário poluído e, assim, também retirando sua proteção e provisão do povo.

O autor de Hebreus constrói uma antítese no capítulo nove, versículo 23, que relembra o argumento menor para o maior do capítulo nove, versículos 13 e 14. Assim como os novos ritos envolviam a limpeza da consciência em vez de apenas a superfície exterior do pecador com sangue mais eficaz, assim também o melhor santuário no reino eterno deve ser purificado por meio do melhor sangue. A contaminação do lugar santo celestial representa o lembrete permanente das afrontas humanas contra Deus diante do próprio trono de Deus.

A purificação do lugar santo celestial por Jesus é a promulgação ritual da promessa de Deus, não me lembrarei mais dos seus pecados, articulada em Jeremias capítulo 31, versículo 34. Tudo isso então fornece uma estrutura interpretativa para a ascensão de Jesus, um aspecto da história de Jesus que tende a não desempenhar um papel tão grande na teologização cristã quanto sua morte e ressurreição. Como o autor continua, Cristo não entrou nos lugares santos criados por mãos, antítipos dos artigos genuínos, mas no próprio céu, agora para aparecer diante da face de Deus em nosso favor.

Aqui, observamos uma sutil troca de terminologia por parte do autor. Normalmente, o Antigo Testamento fornece o tipo ou o protótipo, e Jesus e sua obra fornecem o antítipo. O tipo prefigura, o antítipo segue e aperfeiçoa esse padrão.

Ao chamar o tabernáculo terrestre de antítipo, no entanto, o autor está lembrando aos ouvintes que o templo celestial existia antes da construção da cópia terrestre, de fato, antes da própria criação, como ouvimos no capítulo oito, versículo cinco. A relação entre o culto celestial e os ritos terrestres é invertida neste ponto. Os ritos terrestres estão, de fato, espelhando o padrão do culto celestial.

O santuário servido pelos sacerdotes levíticos é meramente uma cópia feita por mãos humanas, enquanto Jesus, por sua ascensão, entrou na coisa real, o verdadeiro lugar da habitação de Deus e, portanto, o lugar real ou mais efetivo para a mediação acontecer. É lá que ele remove a memória do pecado da presença de Deus, a memória que manchou e restringiu o acesso humano ao divino. O mesmo ato, da parte de Jesus, realizou a inauguração da nova aliança falada por Jeremias.

A conexão entre expiação e aliança é facilitada aqui pelo fato de que a nova aliança de Jeremias é especificamente sobre Deus não se lembrar mais dos pecados. A morte de Jesus é, portanto, tomada por nosso autor como um testemunho para ambas as partes, para Deus e para a humanidade, de que esta nova aliança está em vigor. Um testemunho apropriadamente realizado tanto em Êxodo 24 quanto aqui pelo mediador da aliança.

Assim, novamente, não somente a morte de Jesus é por nós, mas também sua ascensão é por nós. Uma terceira antítese segue em Hebreus 9, versículos 25 e 26, retornando ao contraste entre o sacrifício único de Jesus e os sacrifícios anuais

repetidos do sumo sacerdote levítico. Jesus entrou no próprio céu, entre aspas, não para se oferecer muitas vezes como o sumo sacerdote entra no lugar santo anualmente com o sangue de outro; desde então, teria sido necessário que ele sofresse muitas vezes desde a fundação do mundo.

Mas agora ele apareceu na consumação dos séculos para acabar com o pecado de uma vez por todas por meio de seu sacrifício. O pregador já havia afirmado no capítulo nove, versículos sete a 14, que o sacrifício de Jesus de uma vez por todas realiza o que os ritos anuais do dia da expiação não conseguiam. Agora, ele retorna a esse ponto de contraste para desenvolvê-lo mais detalhadamente aqui e nos parágrafos seguintes no capítulo 10, versículos um a 10.

A distinção aqui entre os sumos sacerdotes terrenos entrando com o sangue de outro, o sangue de animais sacrificiais e o sacrifício de Jesus de si mesmo mostra não apenas a maior qualidade do sacrifício de Jesus, mas também o maior grau de investimento de Jesus nessa tarefa de mediação. Ele literalmente se derramou para restaurar o acesso de seus clientes ao favor de Deus. Isso deve servir novamente para despertar gratidão e manter a gratidão por parte da congregação do autor.

Também deve servir como um impedimento contra a deslealdade, contra deixar de fazer um retorno justo a um mediador tão investido e abnegado. Neste ponto, a dimensão escatológica entra no argumento cultural, como acontecerá novamente no capítulo 10, versículo 13. O ato sacerdotal de Jesus ocorre não apenas dentro da história, mas no fim da história.

Ele apareceu na consumação dos tempos. Isso reforça a impressão que o pregador busca causar em sua audiência do começo ao fim deste sermão. Eles estão no limiar de sua herança, de sua entrada em seu descanso, um reino inabalável.

O tempo para recompensar aqueles que são leais ao governo de Cristo e subjugar aqueles hostis ao mesmo está às portas. Os cristãos só precisam se apegar aos seus compromissos por um tempo muito curto, como o autor dirá explicitamente no capítulo 10, versículos 36 a 39. O autor leva um momento para desenvolver essa dimensão escatológica antes de retornar à sua exposição focada no culto.

Assim como está reservado aos seres humanos morrer uma vez, e depois disto, o julgamento, assim também Cristo, tendo se oferecido uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá uma segunda vez sem conexão com o pecado para a salvação daqueles que o aguardam ansiosamente. A máxima sobre a morte seguida de julgamento reforça o aviso estratégico do autor de que deixar o grupo não significa escapar do perigo. Eles serão responsabilizados não importa o que aconteça pelo Deus cujo filho eles rejeitaram.

Enfrentar a crise do julgamento post-mortem com sucesso deve ocupar a atenção total do ouvinte, em vez de permitir que seu olhar se desvie por preocupação com as crises relativamente menores trazidas pela hostilidade de seus vizinhos. Aqueles que receberam o ato custoso de beneficência de Jesus e responderam com lealdade e gratidão desfrutarão do presente da libertação, soteria, salvação no momento da vinda de Cristo, a segunda vez. O uso do termo salvação aqui é importante.

Novamente, vemos esse autor pensando na salvação como um bem futuro, em oposição ao uso do termo em Efésios 2, versículos seis a oito, por exemplo, para descrever um evento localizado no passado do crente. A necessidade pastoral que o autor aborda, ou seja, estimular uma atitude voltada para o futuro que perdure até o fim, é bem atendida ao chamar a atenção do ouvinte para essa dimensão futura da libertação de Deus ou salvação daqueles que estão em Cristo Jesus. Os autores dos escritos do Novo Testamento falam de uma amplitude de experiências que, juntas, constituem o processo mais completo de salvação.

Reconciliação com Deus por meio da aceitação de Cristo, juntando-se ao povo de Deus por meio do batismo, andando na novidade de vida e sendo liberto do cataclismo que acabará com esta presente era maligna. Colapsar esta compreensão maior da obra salvadora de Deus em qualquer faceta única enfraquece o impacto que o conceito bíblico de salvação deve ter nas vidas dos cristãos, um conceito que não apenas nos aponta para trás, para o que Deus já fez em nossas vidas, mas também nos aponta para a frente, fazendo-nos ansiar pelo que Deus ainda fará pelos fiéis que continuam a viver sua resposta de gratidão e obediência reverente.